

Da autora de *Deseja-me*, vencedor do prémio
MELHOR ROMANCE ERÓTICO 2014

J. KENNER

Incendeio-te



A escritora
sensual que
destronou
E L JAMES
e **SYLVIA DAY**

Ele prometeu satisfazer-lhe os desejos
mais **ardentes**, e ela **desejou** ir até ao limite...

**TOP
SEL
LER**

Trapaças e jogos, mentiras e enganos.

Para mim, não são apenas palavras, mas um modo de vida.

Durante anos tentei escapar — ser outra coisa que não a filha do meu pai —, mas, uma e outra vez, falhei.

Talvez não tenha tentado com o afinco suficiente. Talvez não quisesse. Gosto da emoção, afinal. Do desafio.

Com mais de 20 anos de experiência como vigarista, julgava saber tudo. Achava compreender o que era o risco. Pensava conhecer a definição do perigo.

E depois vi-o.

Forte e carnal, sombrio e perigoso.

Não sabia o que era o risco até o ter conhecido. Não compreendia o que era o perigo até ter fitado aqueles olhos. Não entendia o que era a paixão até ter sentido o seu toque.

Devia ter-me mantido à distância, mas como, se ele era tudo aquilo que eu desejava? Se eu sabia que só ele poderia concretizar as minhas fantasias mais obscuras?

Eu queria-o, tão simples quanto isso.

E, assim, dispus-me a entrar no jogo mais perigoso de todos...

Estava no meio da recém-inaugurada Galeria Edge, com os saltos altos firmes no soalho de madeira afagada e com as luminosas paredes brancas da sala principal de exposições quase a ofuscarem-me.

À minha volta, políticos confraternizavam com gente modernaça e todos iam zumbindo de uma pintura para a seguinte como abelhas à volta de uma flor. Empregados de *smokings* perfeitamente engomados transportavam bandejas cheias de copos de vinho, enquanto as suas contrapartes femininas, vestidas de forma similar, ofereciam acepipes saborosos que também eram obras de arte tão impressionantes que até dava pena comê-los.

A gala cintilante da noite celebrava a abertura daquela novidade na zona de galerias bem conhecida na margem norte de Chicago, e toda a gente que era importante estava ali. E estavam todos ali não só por causa da arte. Não, o grupo que ali se encontrava tinha ido tanto para conviver com os proprietários como também para celebrar a inauguração da galeria.

E porque não? Afinal, o Tyler Sharp e o Cole August faziam parte da elite de Chicago. Eles, juntamente com o amigo e frequente parceiro de negócios Evan Black, eram os cavaleiros — um triângulo de poder na estratosfera de Chicago. O facto de esse poder provir tanto de meios legítimos como ilegítimos só lhes aumentava a aura de mistério e intriga.

Não que o lado ilegítimo da equação fosse do domínio público, mas certamente acrescentava uma espécie de esplendor misterioso àqueles homens deliciosamente sensuais que deixavam a comunicação social a babar-se. Eu sabia a verdade porque era uma das melhores amigas da noiva do Evan, a Angelina Raine, e essa amizade tinha-se desenvolvido e acabara por incluir todos os cavaleiros. Pelo menos, era nisso que a Angie e os cavaleiros acreditavam. Na verdade, menos de 24 horas tinham-me bastado para perceber que os tipos não eram apenas os empresários de sucesso por quem se faziam passar.

Os seres iguais reconhecem-se, afinal.

E, pela mesma lógica, os seres iguais também se atraem. Pelo menos, era isso o que eu esperava. Porque, apesar de querer efetivamente celebrar a inauguração, na verdade eu tinha ido ali por um único motivo: obter final e completamente a atenção do Cole August — e depois levá-lo para a cama.

Não que estivesse a fazer grandes progressos rumo a esse objetivo. Tinha ido até ali sem um plano definido — algo que nunca faço — e, após 90 minutos de convívio, trocara menos de 30 palavras com o Cole, coisa que acontecera à porta, enquanto entrava. Sabia que tinham sido menos de 30 porque ainda não parara de rever mentalmente o encontro — não chegaria ao ponto de lhe chamar «conversa».

— *Estou mesmo contente por vos ver.*

— *Obrigado, Kat. Ainda bem que pudeste vir.*

— *Também acho. Bem, vou deixar-vos falar com as outras pessoas.*

Até já!

Abanei a cabeça, desiludida comigo mesma. Honestamente, se o meu pai tivesse ouvido aquilo, seria o suficiente para me deserdar. Não me tinha ensinado a arte da conversa de circunstância? De atrair as pessoas? De me aproximar tanto delas que poderia obter qualquer coisa que quisesse?

O planeamento e a concentração sempre foram como uma segunda pele para mim. Cresci no meio da vigarice, e ainda antes

de decorar a tabuada já sabia como se engendrava uma grande golpada.

Porém, naquela noite não era uma golpada o que estava em causa. Era eu.

E, ao que parecia, esse pormenor chegava para me desnortear por completo.

Ora bolas.

Virei-me ligeiramente para poder olhar para o alvo da minha missão. Encontrei-o com facilidade — o Cole August não é do género de homem que se misture na multidão e passe despercebido. Nesse momento, estava a dar a volta à sala, a falar de arte tanto com potenciais compradores como com amigos descontraídos.

A arte era a sua paixão, e era fácil perceber a importância que aquela noite tinha para ele. Os dois artistas com obra exposta — um grafiteiro da Zona Sul de Chicago, que o Cole tinha encontrado e tirado do gueto, e um pintor de renome mundial especializado em hiper-realismo — iam falando com os presentes, acompanhando-o.

O Cole caminhava com uma pujança pura e uma arrogância descontraída que tanto deixavam entrever a sua própria infância e juventude na Zona Sul como a punha em causa. Eu sabia que ele em tempos tinha estado metido num gangue mas que conseguira arrancar-se ao lodo para se tornar um dos homens mais poderosos de Chicago. Observando-o, era fácil ver a confiança e a elegância que o tinham levado até esse ponto.

Eu fitava-o, um pouco fascinada, um pouco estonteada, enquanto o Cole continuava a avançar pela sala. Estava vestido de forma simples, com umas calças pretas de ganga que lhe evidenciavam o tra-seiro perfeito e uma t-shirt branca a contrastar com a sua pele morena como caramelo, herança de uma ascendência racial mista; um estilo que recordava subtilmente aos convidados que ele não tinha nascido numa posição endinheirada e privilegiada. Usava o cabelo curto, num corte quase militar, e esse corte chamava a atenção para os seus olhos ligeiramente rasgados a que nada escapava, já para não falar

das superfícies cinzeladas dos seus maldres e daquela boca larga e firme que parecia moldada para enlouquecer uma mulher.

Ele era o sexo em pessoa — e tudo o que eu queria era prová-lo.

Eu nunca tinha entrado no jogo dos namoros, e raramente dera por mim a ansiar por um homem. Essa parte de desinteresse provinha mais de pragmatismo do que de alguma falta de libido. Porque haveria de atormentá-los, e a mim também, revelando-lhes as minhas preferências sexuais, para depois ter de suportar os inevitáveis sentimentos de zanga e mágoa, se eles não conseguiam alcançar o que um cilindro de borracha vibratória de 60 dólares fazia tão bem?

E, para ser sincera, a maioria dos homens com quem me cruzei era muito menos estimulante — tanto intelectual como fisicamente — do que qualquer coisa que eu tinha guardada na minha gaveta de brinquedos.

O Cole, contudo, era diferente.

De alguma maneira, tinha-se insinuado nos meus pensamentos. Tinha-me preenchido os sentidos. Eu dera pela atração da primeira vez que lhe tinha posto a vista em cima, e isso tinha sido anos antes. Mas, nos meses anteriores, ele tinha-se tornado uma obsessão, e eu sabia que, se queria livrar-me dele, tinha de avançar.

Tinha de o ter.

Eu estava ali naquela noite determinada a obter o que queria — e já me sentia mais do que um pouco perturbada comigo mesma por não ter mergulhado completa e confiantemente nas águas turvas da sedução.

Mas sabia porque não o fizera, claro. Era porque não tinha a certeza de que os meus avanços fossem desejados e não era grande adepta de desilusões.

Sim, parecia-me que ele se sentia atraído por mim — tinha sentido essa chispa quando as nossas mãos se tocavam e a eletricidade a carregar o ar quando nos encontrávamos juntos.

Pelo menos uma ou duas vezes, ao detetar o seu olhar, a ilusão de amizade tinha-se reduzido a cinzas — queimada pelo calor que

tinha visto nele. Mas esses momentos eram meros segundos passageiros. Quanto bastasse para me abrir o apetite e para me fazer desejar fervorosamente que o calor que tinha visto fosse real — e não apenas o reflexo desesperado do meu próprio desejo ardente.

Porque, afinal, que garantia tinha eu de que não fosse tudo produto da minha imaginação? Talvez estivesse a projetar atração onde ela não existia e, como uma traça, poderia queimar-me se esvoaçasse demasiado perto da chama.

Ainda assim, nunca ficaria a sabê-lo a menos que me atirasse de cabeça para o descobrir. Talvez tivesse metido os pés pelas mãos com a minha conversa tonta, mas a noite ainda era uma criança e decidi fazer-me um discurso mental de encorajamento enquanto vagueava pela galeria, passeando por entre a espuma e os resquícios de mexericos e conversas de negócios. Havia de tudo, desde comentários mesquinhos acerca de roupas de outras mulheres, a especulação acerca do melhor lugar para uma refeição depois da gala, passando pelo elogio do talento inegável dos artistas representados na inauguração.

Algumas pessoas que eu conhecia superficialmente estabeleciam contacto visual comigo e mudavam educadamente de posição, como a convidar-me para a conversa. Eu fingia que não dava por isso. Naquele momento, estava absorta, a tentar decidir-me quanto ao que queria e como fazia tenção de o obter.

A galeria era em forma de *T* e a sala principal de exposições — onde se encontravam as obras dos dois artistas homenageados naquela noite — era o traço vertical, enquanto o horizontal correspondia ao espaço das exposições permanentes. Eu já ali tinha estado, pelo que conhecia a disposição da galeria, e fui caminhando ao longo da sala até ao ponto onde as duas alas se intersetavam.

Havia uma corda de veludo a bloquear a passagem dos convidados para a área permanente, mas eu nunca fui muito de prestar atenção a regras. Esgueirei-me entre a parede e o poste de latão que segurava a corda, e de seguida afastei-me para a direita, de forma a ficar fora de vista do resto dos convidados. Afinal, não estava com

disposição quer para um sermão acerca do comportamento adequado a ter numa festa, quer para companhia.

Da última vez que eu tinha estado naquela área, a secção ainda se encontrava em obras. As paredes estavam por pintar e o teto de vidro tinha sido coberto por uma película escura e protetora. A divisão comprida e estreita parecera-me sombria e um pouco claustrofóbica. Agora espalhava-se à minha frente como uma passagem para o paraíso.

Naquela noite, via-se que o teto de vidro estava transparente. Lá fora, holofotes instalados no telhado incidiam para baixo, dando a ilusão de luz do dia, e à minha volta a área brilhava com luz artificial e as cores vivas das várias peças em exibição.

Bancos de teca polidos até à perfeição ocupavam o centro da sala, intervalados por bonsais, pelo que os assentos e a decoração eram tão artísticos quanto a arquitetura e o conteúdo do local. Todavia, nada na sala era excessivo. Mesmo naquela noite, com o zunzum de vozes a chegar-me da galeria principal, eu ali sentia a liberdade feliz da solidão.

Com um suspiro, sentei-me num dos bancos, só então me apercebendo de que tinha escolhido aquele lugar para um propósito específico. A imagem à minha frente tinha-me chamado a atenção. Não, mais do que isso. Tinha-me atraído. Puxado para si. Então sentei-me e observei-a.

Eu sabia um pouco acerca de arte, embora não tanto quanto o meu pai. E decerto não tanto quanto o Cole. Mas pode dizer-se que tive a minha quota-parte de tempo no género de galerias de arte cujos clientes personificam a tríade perfeita de demasiado dinheiro, demasiado tempo e demasiadas propriedades.

Tinha perdido a conta aos dias que passara de saltos altos e saia-lápis a exaltar as virtudes de determinada obra. Fazia grande alarde acerca do negócio fabuloso que o comprador poderia conseguir porque o nosso cliente — «não, não, não posso revelar a sua identidade, mas, se lê jornais europeus, certamente terá ouvido falar

dele» — estava desesperado por se livrar da obra original que se encontrava na família havia gerações. «Tempos difíceis», dizia eu, a abanar resignadamente a cabeça. «Compreende.»

E o comprador franzia o sobrolho e acenava compassivamente com a cabeça, já a pensar naquela pechincha impressionante e em como podia superar os Smiths na próxima festa lá em casa.

Em toda a minha vida, nunca vendi uma obra original de um verdadeiro mestre, mas as obras que promovia continham um apelo idêntico, pelo menos ao olhar, ainda que não para o portefólio de investimentos.

Porém, aquele quadro que se encontrava à minha frente punha num chinelo todos os outros que me tinham passado pelas mãos. Era uma mulher vista por trás. Estava sentada à beira de uma fonte, pelo que, da perspetiva do artista, era vista através de pérolas cintilantes de água que pareciam formar uma cortina viva. Uma espécie de barreira entre ela e o mundo. Dava a ilusão de que ela era uma criatura de pura inocência; contudo, não era uma mais-valia. Em vez disso, a inocência tornava-a intocável, ainda que fosse evidente que, para a alcançar, bastaria esticar a mão pela água.

Daquele ângulo, não se viam as ancas dela, só a curva da cintura, a pele imaculada das costas, e o cabelo loiro que lhe caía em caracóis húmidos até às omoplatas.

Havia qualquer coisa de familiar nela. Algo magnético. E, por mais que eu me esforçasse, não fazia ideia do que seria.

— É um dos meus preferidos.

Reconheci a voz profunda que me arrancou ao transe. Agitada, virei-me para o Cole, e arrependi-me de imediato. Devo ter levado um momento para me preparar, pois ouvi o meu próprio arquejo ao mergulhar de chofre naqueles olhos cor de chocolate.

— Eu... — Fechei a boca. Evidentemente, perdera toda a capacidade de pensar, falar ou funcionar em público. Desejei com todas as forças que o chão se limitasse a abrir-se e a engolir-me, mas também me daria por contente se fosse raptada por extraterrestres.

Porém, nenhuma dessas coisas aconteceu e eu fiquei ali, só a olhar para ele, enquanto a comissura dos lábios dele — daquela boca linda, forte, beijável — se remexia com o que eu só podia presumir que fosse divertimento.

— Desculpa ter-me esgueirado para aqui. A galeria estava a ficar demasiado abarrotada e eu precisava de apanhar ar.

O seu rosto ganhou um ar apreensivo.

— Passa-se alguma coisa, Catalina? Pareces preocupada.

— Estou bem — respondi, embora tremesse um pouco, desconcertada como sempre que alguém me tratava pelo nome de batismo. Não que ele soubesse de facto o meu nome verdadeiro. Para o Cole e todos os meus amigos de Chicago, eu era a Katrina Laron. A Catalina Rhodes não existia para eles. Na verdade, também não existia para mim. Há muito, muito tempo que não.

Por vezes, sentia-lhe a falta.

Uns oito meses antes, tínhamos saído em grupo para jantar fora. O Cole começou a falar de uma viagem a Los Angeles que ia fazer, e que tencionava visitar a ilha Catalina. Já nem me lembro dos pormenores da conversa, mas, no final, a minha nova alcunha tinha pegado.

Revirei os olhos e fingi que estava irritada, embora a verdade fosse que me agradava a intimidade de ouvir o meu nome verdadeiro nos seus lábios. Era como se partilhássemos um segredo, eu e ele, mesmo que só eu o soubesse.

«Catalina» não era a minha única alcunha. Além disso, o Cole chamava-me «loirinha» e «pequenita», embora tendesse a reservar este último para a Angie, que era adolescente quando ele a conheceu.

«Catalina» era o termo carinhoso que eu preferia, mas não me fazia rogada. Como quer que fosse que o Cole quisesse marcar-me, por mim tudo bem.

Nesse momento, ele estava à minha direita e a fitar-me de sobrolho franzido.

— Estou bem — repeti, com um pouco mais de convicção. — A sério. Estava perdida nos meus pensamentos e tu assustaste-me. Mas já voltei.

— Fico contente.

A sua voz era suave, quase como a de quem tivesse frequentado as melhores escolas. Eu sabia que ele se tinha esforçado por isso. Raramente falava do tempo que passara metido em gangues, das coisas que tivera de superar. Raios, praticamente nem falava dos dois anos que tinha passado em Itália, a estudar arte com uma bolsa de estudo. Mas tudo se conjugara para formar aquele homem. E, naquele preciso momento, senti-me satisfeita por ele nunca falar disso à comunicação social ou aos seus clientes. Mas desejava fervorosamente que, comigo, falasse.

Pois, estava mesmo caidinha.

Levantei-me e passei as mãos pelo tecido vermelho que me torneava as coxas de forma provocante. Esperava que parecesse que estava a alisar a saia. Na verdade, estava a secar o suor das palmas das mãos.

— Vou ver se encontro uma daquelas meninas do sushi — disse-lhe. — Não jantei e acho que estou a ficar um bocado zozza.

Não referi que era ele o motivo das minhas tonturas.

— Fica. — Ele estendeu a mão e cerrou os dedos à volta do meu pulso. Tinha uma mão enorme, mas o seu toque era surpreendentemente delicado, apesar da pele áspera, que me fez lembrar a quantidade de trabalho na galeria que fora ele mesmo a fazer: montar molduras, pendurar quadros, mudar móveis de sítio. Já para não falar de pintar as suas próprias telas. Ele devia passar horas a segurar num pincel de madeira, a mexê-lo cuidadosa e meticulosamente para obter exatamente o que queria: cor, textura, sensualidade total.

Devagar, como se estivesse intencionalmente a tentar enlouquecer-me, deixou o olhar vaguear por mim. Resisti ao impulso de estremecer — de fechar os olhos e mergulhar na fantasia daquela carícia deliberada.

Em vez disso, observei-lhe o rosto. Observei-lhe a expressão que ia aquecendo, a tornar-se quase selvagem, como se não houvesse coisa que ele quisesse mais naquele instante do que tocar-me... possuir-me.

Força, pensei. Aqui e agora, avança e deixa-me recuperar o pensamento e a razão. Possui-me, raios, e liberta-me.

Mas ele não me puxou para si. Não encostou as mãos ao meu traseiro nem roçou o membro contra as minhas coxas. Não me empurrou contra a parede e juntou a boca à minha enquanto uma mão me apertava um seio e a outra me subia a saia.

Não fez nada além de olhar para mim — e, só de olhar, fez-me sentir como se tivesse feito todas aquelas coisas.

Também me fez sentir melhor acerca dos maus-tratos a que tinha sujeitado o meu cartão de crédito para comprar aquela roupa. O vestido era vermelho-vivo, com um decote vertiginoso e bem justo, a revelar cada uma das minhas curvas. E, embora por vezes possa pensar que as minhas curvas se adequariam mais a um filme *noir* dos anos 1940, é inegável que preenchia o vestido de uma forma que o Cole parecia apreciar.

Tinha apanhado os caracóis loiros no alto da cabeça, deixando apenas alguns fios soltos a emoldurar-me o rosto. Os meus sapatos de salto agulha condiziam na perfeição com o vestido e acrescentavam oito centímetros à minha altura já de si generosa, o que me deixava praticamente à mesma altura daquele homem. Quem procurasse a expressão «saltos à fode-me aqui e agora» num dicionário devia encontrar uma fotografia daqueles sapatos.

Eu queria ficar ali mesmo, perdida na forma como ele estava a olhar para mim.

Ao mesmo tempo, queria fugir. Retroceder e recompor-me. Perceber como raio seria capaz de controlar uma sedução se nem sobre mim mesma estava a conseguir ter controlo.

A hipótese de fuga levou a melhor e eu puxei o braço ao de leve para o libertar.

Para minha surpresa, ele apertou-me com mais força. Fitei-o de cenho franzido, algo confusa e muito mais esperançosa.

— Gostaria de saber o que pensas.

— O que penso?

— Do quadro — disse ele. — O que achas dele?

— Oh. — O frio do desapontamento percorreu-me. — Do quadro.

Puxei o braço de novo e, desta feita, com muita pena minha, ele soltou-me.

— Gostas?

— Adoro — respondi, automática mas também sinceramente.

— Só que tem qualquer coisa... não sei... triste.

As suas sobrancelhas ergueram-se ligeiramente e, por um instante, ele pareceu-me algo divertido. Como se tivesse percebido o final de uma piada um pouco antes de mim. Só que eu nunca cheguei lá.

— Não é triste? — perguntei, virando-me para olhar para a imagem.

— Não sei — disse ele. — A arte é o que cada um vê nela. Se tu achas que é triste, suponho que será.

— O que é que tu vês?

— Anseio — respondeu.

Voltei-me de novo para ele, certa de que o meu rosto transmitiria a minha pergunta.

— Não vejo tristeza, mas mais desejo — disse-me, como se isso explicasse a sua resposta. — Os desejos dela são como pedras preciosas que ela guarda ciosamente, com as arestas a deixarem-lhe marcas nas palmas das mãos.

Pensei naquilo enquanto tornava a observar o quadro.

— Pensas assim porque és artista? Ou és artista porque pensas assim?

Ele riu-se, um som tão brando quanto encorajador.

— Merda, Catalina. Sei lá. Acho que não dá para separar uma coisa da outra.

— Bem, a coisa mais eloquente que sou capaz de dizer é que me agrada. Percebo que não é uma das peças em destaque, mas espero que vás expor mais trabalho deste artista. É cativante. — Aproximei-me mais, em busca de uma assinatura na tela ou de uma legenda na parede. Não encontrei nem uma coisa nem outra. — Quem é o artista?

— Não te preocupes, loirinha — disse o Cole, com o olhar a passar rapidamente pelo quadro. — Vamos mantê-lo por perto.

Já não tinha dúvidas quanto a estar a ouvir gozo na sua voz e, como não sabia qual seria a piada, isso irritou-me.

Inclinei a cabeça, já a sentir a irritação mais controlada.

— OK, diz-me: o que é que está a escapar-me?

Ele pôs-se à minha frente, bloqueando o quadro. Raios, bloqueando tudo. Ocupou todos os meus sentidos, fez-me sentir um pouco embriagada com a sua mera proximidade. Com a visão dele diante de mim e o cheiro da sua água de Colónia, que tinha laivos picantes, de madeira e de homem. Até o eco da sua voz ressoava na minha cabeça, aquele tom de locutor de rádio a dar-me vontade de estremecer.

Já não tinha o seu toque, mas a sensação da mão dele na minha pele perdurava, e eu agarrava-me a isso. E quanto ao paladar... bem, restava-me sonhar.

Passou-se uma eternidade numa questão de segundos e, quando ele falou, foi com um tom pensativo, como se falasse mais para si do que para mim.

— Como é que fazes isso?

— Faço o quê? — perguntei, mas, quando as palavras se escaparam por entre os meus lábios, o feitiço já estava desfeito e era como se ele não tivesse falado de todo.

— Esta é uma noite muito importante tanto para mim como para o Tyler — afirmou numa voz que se revelava tensa e formal. — Estou satisfeito por teres vindo, mas é melhor voltar para junto dos outros convidados.

A mudança abrupta de tom desapontou-me, mas agarrei-me gananciosamente às palavras em si e tentei ignorar o resto. Ele tinha dito «estou satisfeito», em vez de «estamos satisfeitos».

E eu, aparentemente, atingira todo um novo nível de patético se tinha chegado ao ponto de analisar formas verbais.

— Não teria faltado por nada deste mundo — respondi, esperando que a minha voz não revelasse que tinha a sanidade suspensa por um fio.

Ele lançou-me aquele sorriso de matador e depois virou-se para a galeria principal. Mas ao fim de dois passos parou e olhou de novo para mim.

— A propósito, debes-me um favor — disse-me, e desta feita o humor na sua cara era inegável.

— Oh, a sério? Então porquê?

— Como é que começaste a trabalhar aqui há três meses sem que eu desse por isso? É que não é nada típico de mim. E, francamente, Kat, se tivesses passado tanto tempo ao meu lado, garanto-te que isso me teria chamado a atenção.

Aquela chispa de calor regressara à sua voz, mas eu mal reparei. Em vez disso, tinha enregelado um pouco. Um chorrilho de maldições percorria-me a mente e tive de me esforçar para não deixar escapar uma ou duas.

Ao invés, fiz aquilo para que fui treinada durante toda a vida — recompus-me e toquei de ouvido.

— Oh, meu Deus, Cole, lamento muito. Andava há semanas para te avisar de que o banco era capaz de ligar, mas distraí-me a ajudar a Angie com os preparativos do casamento, e agora para a semana fecho o negócio da casa, e tenho andado a empacotar tudo, e depois...

— Não faz mal — disse ele. — Eu percebo.

— As horas que faço no café nunca foram constantes e não queria que os do banco achessem que eu não podia pagar as prestações.

— Não faz mal — repetiu ele. — Comprar uma casa é um passo muito importante. Está tudo bem. Já ligaram há mais de uma semana

e eu confirmei-lhes tudo. Se ainda não te pediram mais informações até agora, eu diria que está tudo a correr sobre rodas.

Tornou a fitar-me os olhos, prendendo-me no seu olhar durante um momento demasiado longo para o meu gosto. Qualquer indício de humor que tivesse tido no rosto já desaparecera. Em vez disso, eu só via uma intensidade vibrante e sensual.

— Mas, como te disse, deves-me um favor.

Engoli em seco e, apesar da secura na boca, consegui formar palavras.

— O que quiseses — repliquei, restando-me apenas esperar que ele compreendesse o significado total das minhas palavras.

O seu olhar demorou-se um pouco mais. Depois ele inclinou a cabeça, à laia de despedida.

— Vemo-nos na galeria principal.

Mais uma vez, virou-se e afastou-se de mim.

Desta feita, não olhou para trás.

Demorei uns minutos a recompor-me antes de voltar à festa e, assim que passei a barreira do cordão e senti a pressão da alegria e das conversas à minha volta, percebi que devia ter esperado ainda mais alguns minutos.

«Deves-me um favor», dissera ele.

«O que quiseres», prometera eu.

Compreenderia que eu tinha proferido aquelas palavras com absoluta convicção? Teria sido realmente desejo o que eu vira nos seus olhos? E, se assim fosse, o que iria ele fazer quanto a isso?

Já agora, o que iria *eu* fazer quanto a isso?

Ao que parecia, tinha voltado à estaca zero. Dera início à noite com a intenção de seduzir o Cole August. E, apesar da eletricidade que estalara entre nós, não me parecia que me tivesse aproximado nem um milímetro desse objetivo.

Mas que falhanço, errar por completo o objetivo de uma missão.

Mais uma vez, não estava a deixar o meu pai orgulhoso. Talvez, se pensasse no Cole como sendo um alvo em vez de um homem...

Comecei a passar os dedos pelo cabelo, mas travei-me antes que puxasse o gancho sem querer. Como estava desesperada por fazer qualquer coisa com as mãos, fiz sinal a uma empregada esbelta de cabelo escuro. Perdi um pouco de tempo a pensar se haveria de comer um crepe primavera ou sushi. Acabei por tirar um de cada, o que me levou a amaldiçoar-me. Comida, o Cole, a minha maldita

vida inteira. Ao que parecia, estava condenada a carregar a maldição da indecisão.

Fantástico.

Avancei para uma parede, em busca de algum espaço para respirar, mais afastada da multidão, e tentei localizar o Cole. Não foi difícil. Ele também se tinha afastado do magote e encontrava-se então num recanto, ao lado de um homem corpulento cuja cara infantil era rude e nada atraente. O homem falava alvoroçadamente, com a pele a ficar cada vez com mais manchas avermelhadas e as mãos a agitarem-se para enfatizar as palavras que ia dizendo.

O Cole não demonstrava reação alguma — o que me fez perceber logo que estava para lá de chateado e a disfarçar muitíssimo bem. O mau feitio do Cole era bastante conhecido, e quem quer que fosse aquele homem não estava a ganhar pontos ao ameaçar provocar uma explosão durante a gala.

Estava a pensar aproximar-me e interromper — quanto mais não fosse, parecia-me que devia distrair o atual adversário do Cole. Mas, por sorte, a gestora comercial da galeria, a Liz, apareceu, ofereceu uma bebida ao homem e desviou-o com subtileza.

O Cole ficou a vê-los ir, e eu vi que tinha o punho cerrado ao lado do corpo. Comecei a contar e, quando cheguei ao número dez, o Cole afastou-se da parede. Eu conhecia os truques para gerir a raiva e ele estava a dar uso a todos.

Desejei saber o que o tinha deixado tão zangado. Mas não o suficiente para ir perguntar-lhe. Não, eu era muito mais egoísta do que isso. Continuava a concentrar-me no meu próprio problema com o Cole — e não era o seu mau feitio o que eu queria ver explodir.

Pensei ligar ao Flynn, meu amigo e companheiro de casa dos meses anteriores. No melhor dos casos, ele teria uma perspetiva masculina útil acerca de toda aquela embrulhada. No pior, oferecer-me-ia umas quantas palavras tranquilizadoras. Mas eu sabia que ele estava a trabalhar naquela noite — se não estivesse, teria ido à gala. O Flynn

não era do género de perder uma festa. Sobretudo tratando-se de uma onde fosse servido álcool de graça.

Até uma perspectiva feminina seria útil, mas a Angie e o Evan tinham dois compromissos naquela noite e já se tinham ido embora para jantarem com os pais dela e concertarem os planos para o casamento, enquanto a namorada do Tyler, a Sloane, ainda não chegara.

Apesar de saber que ela ia trabalhar até tarde — pois na noite anterior, enquanto bebíamos uns *Martinis*, ela tinha-me falado do trabalho de vigilância que andava a fazer —, julgava que, por aquela altura, já teria chegado. Egoísmo meu, talvez, mas a verdade era que nos tínhamos tornado bastante unidas e eu queria-a por perto para me dar apoio moral.

Olhei para o relógio e franzi o sobrolho. Depois recordei a mim mesma que não era justo estar irritada por a Sloane estar a fazer o seu trabalho e não imaginar sequer que eu tinha a sedução em mente e precisava que me dessem a mão.

Então — felizmente — as fadas da amizade feminina apiedaram-se de mim, pois, quando olhei para a parte da frente da galeria, vi-a a passar pela porta de vidro.

Apesar de ser tarde, o ar continuava abafado naquele mês de maio atipicamente quente. Ainda assim, a Sloane parecia animada, refrescada e bonita — como uma rapariguinha que por acaso tinha a dureza e o cinismo de uma ex-polícia. Comecei a encaminhar-me na direção dela, mas detive-me quando vi o Tyler a aproximar-se, com um brilho apreciador no olhar.

Puxou-a para si e, apesar de a sala estar cheia, o beijo com que a recebeu foi longo e demorado, e juro que dava para a ver resplandecer do outro lado da sala.

De súbito, senti um aperto inesperado no estômago. Eu queria ser aquela rapariga — preciosa aos olhos de um homem. E com o poder de o deixar de joelhos.

Não. Um homem qualquer, não. O Cole.

Fui vendo a Sloane a passar uma mão possessiva pelo braço do Tyler e a sussurrar-lhe qualquer coisa. Ele riu-se e depois deu-lhe um beijo na face. Ela afastou-se dele para se envolver na festa e ele ficou ali parado por um momento, com o olhar a segui-la.

Como estava atenta ao Tyler, só me apercebi que era de mim que a Sloane se aproximava quando ela chegou ao meu lado.

— Tens novidades acerca da casa?

— Para a semana trato da escritura — disse-lhe. — Tenho algum medo de que me arranquem o tapete de debaixo dos pés. Como descobriremos que há alguma coisa horrivelmente mal com as fundações, ou os vendedores desistirem, ou o empréstimo não ser aprovado.

A história da casa tinha começado por capricho. O meu estado natural é o do andamento constante, o que vai desde o meu hábito de ter sempre o corpo em movimento à minha tendência geral de me desenraizar por completo a intervalos de alguns anos e mudar-me para uma nova cidade.

Ao longo dos seis anos anteriores, porém, tinha acalmado essa característica. Em vez de me pôr a andar de Chicago, limitara-me a mudar de apartamento.

Uns meses antes, tinha decidido que viver numa moradia talvez fosse engraçado. Tinha começado a procurar apenas espaços para arrendar, mas, quando vi aquela pequena casa de dois quartos, percebi que era como a árvore de Natal de *Charlie Brown*. Só precisava de um pouco de carinho. E o mais importante era que tivera a certeza de que aquela casa tinha de ser minha.

Nem me dera conta de que ponderava a possibilidade de ser proprietária de uma casa até ter pegado no folheto da agência imobiliária, mas estava cansada de me sentir desenraizada. Queria assentar. Queria... *mais*.

E agora estava à beira de o ter.

Para ser sincera, era uma sensação que me agradava.

O sobrolho da Sloane franziu-se enquanto ela ponderava as minhas palavras.

— Já foram feitas inspeções à casa, os inquilinos já saíram e os vendedores mudaram-se para... o Novo México, não foi? E acho que já terias sabido se houvesse algum problema com o empréstimo.

— Ela semicerrou os olhos. — As informações acerca do emprego foram todas confirmadas, não?

— Sim, mas isso é que foi uma bronca. Acho que a chamada foi feita quando a Liz não estava.

Eu tinha avisado a Liz antes de escrever aquela pequena petição na solicitação de empréstimo, e ela prometera confirmar tudo se os agentes de crédito telefonassem.

— Merda. O que aconteceu? O Tyler não me disse nada.

— Ao que parece, foi o Cole quem atendeu.

Os olhos dela arregalaram-se.

— Oh, a sério? Quando?

— Há mais de uma semana.

— E ele não te tinha dito?

— Só me disse há uns minutos.

Ela estendeu as mãos, fazendo-me um gesto para que continuasse.

— Então? O que foi que ele disse?

— Que eu lhe devia um favor — admiti.

O riso dela estava carregado de encanto absoluto.

— Bem, que conveniente, não é?

— Desculpa?

— Se ele disse que lhe devias um favor, só precisas de lhe perguntar como quer que o compenses.

Cruzei os braços.

— E de que é que estamos a falar ao certo?

— Oh, por favor, Kat. Não te armes em desentendida. Sou polícia, lembras-te? Sei decifrar as pessoas. E isso também se aplica a ti, Katrina Laron, ainda que te julgues impenetrável.

Eu realmente julgava-me impenetrável, e era um pouco desconcertante ficar a saber que me enganava. Era por isso que tinha

passado a maior parte da vida a evitar ter amigos íntimos. Eles entrosavam-se na nossa vida, ficavam a conhecer-nos demasiado bem e deixavam-nos vulneráveis. Mas a Sloane tinha razão — sendo ex-polícia, estava habituada a observar as pessoas e a prestar atenção aos pormenores. Além disso, não se passara assim tanto tempo desde que se encontrara numa posição similar, a engendrar uma forma de seduzir o Tyler Sharp. Tendo em conta que ela e o Tyler estavam absurdamente apaixonados e delirantemente felizes, tinha de partir do princípio de que ela dominava aquele jogo.

Mirou-me de cima a baixo, num movimento muito deliberado.

— Belo vestido. — A sua boca curvou-se num sorriso matreiro.
— Parece mesmo do género que o Cole havia de gostar.

— Cabra — exclamei, mas estava a rir-me.

— Então, além do vestido, que mais tens no repertório?

— Bela pergunta, não é? Tens razão quanto às intenções — reconheci. — Mas ando a fazer um trabalho miserável no que diz respeito à execução.

Passei a mão pelo cabelo, só me lembrei do gancho demasiado tarde e praguejei.

Fiz-lhe um resumo do que tinha acontecido na galeria enquanto soltava o cabelo e o ajeitava com os dedos.

— Mas não sei se ele estava mesmo interessado ou se sou só eu que tenho esperanças.

— Por favor, diz-me que não és assim tão ingénua — disse ela.
— O tipo está completamente caidinho por ti.

— És tão mentirosa — repliquei.

Sinceramente, não imaginava o Cole caidinho por quem quer que fosse. Ele era demasiado bom a manter tudo sob controlo. Daquilo que eu fora vendo ao longo dos anos, aquele mau feitio era a única coisa que por vezes conseguia escapar-se — e mesmo isso rebentava como um foguete e era rapidamente abafado.

— Eu tenho visto a cara dele quando olha para ti — declarou ela. — Ou, para ser mais exata, tenho visto a cara dele quando olha

para ti e tu não estás a olhar para ele. — Voltou a sorrir. — Sabes tão bem quanto eu que o Cole não revela o que quer que não precise de revelar.

— Esse é um dos eufemismos do século.

— Estou a falar a sério — disse ela. — Quando o Tyler olha para mim como tenho visto o Cole olhar para ti, sei que me espera uma noite muito comprida, com muito pouco sono.

— Oh. — Inspirei e depois humedeci os lábios subitamente secos. — Isso é impressionante — acrescentei, sem conseguir esconder um sorriso na voz. — Obrigada.

— Não tens de quê — disse ela. — Mas olha: tu... — Interrompeu-se e encolheu os ombros. — Esquece.

— Oh, não — reclamei. — Nem penses que te safas assim comigo. Tens alguma coisa a dizer, e ou é acerca de mim, ou é acerca do Cole. E eu quero saber.

— É só que... tens a certeza disto? E porquê agora?

— Sim — respondi, porque, apesar dos meus momentos de nervosismo e hesitação, nunca tinha tido mais certezas acerca do que quer que fosse. Peguei-lhe no braço e levei-a para um canto mais afastado, onde não havia quadros expostos, pelo que outros convidados não estariam ali e poderíamos conversar sem sermos ouvidas. — E, por ora, acho que já não tenho escolha. Não consigo tirá-lo da cabeça — admiti. — Até já sonho com ele. Nunca houve um tipo que me afetasse tanto, e isso anda a dar comigo um bocadinho em doida.

— Então isto é um exorcismo?

— Talvez. Raios, não sei. Porquê?

— Porque somos amigos, Kat. Todos nós. Eu e o Tyler, a Angie e o Evan. E até tu e o Cole. Não quero que as coisas fiquem esquisitas e não quero... — Ela abanou a cabeça. — Desculpa, não é da minha conta. Não devia ir por aí.

Nem por sombras a deixaria safar-se assim.

— Por onde?

— Só não quero que te magoes — disse ela.

— De que estás a falar?

Ela passou os dedos pelo cabelo.

— É só que sei que o Cole não tem namoradas. Não quero que fiques desapontada. E... para ser completamente egoísta... não quero perder a dinâmica que existe entre nós os seis.

— Eu também não quero isso — respondi com sinceridade.
— Mas preciso de fazer isto.

Não tentei explicar que, mesmo que não o fizesse, a dinâmica entre nós mudaria de qualquer maneira. Eu já tinha atravessado um limite mental e, independentemente do que acontecesse, não poderia voltar a ser a amiguinha Kat, a rapariga com uma paixoneta secreta pelo Cole. Porque aquilo não era uma paixoneta. Era uma carência. Era uma fome. Eu tinha aberto a caixa de Pandora e, mesmo que quisesse, não seria capaz de voltar a enfiar tudo lá dentro.

— O que queres dizer com não ter namoradas? — insisti.

— Foi o que o Tyler me disse. Que ele fode — continuou ela, a arquear uma sobrancelha. — Mas não namora.

— Isso é parte do que o torna perfeito — admiti, porque, embora não pudesse ter a certeza, já o observava há tempo suficiente e com a intensidade necessária para calcular que o Cole seria pelo menos tão passado dos cornos quanto eu. — Só quero livrar-me desta vontade. E, se tu tiveres razão, o Cole tem a mesma vontade e isto vai correr muito bem.

— Então estás só à procura de um amigo colorido? — Ela semi-cerrou os olhos, obviamente duvidosa.

— Pois — respondi, ainda que até então não tivesse pensado na coisa assim. — Pois, acho que estou.

— Kat... — Ela não acabou a frase, mas era impossível não dar pela censura na sua voz.

— O que foi?

— Isso é treta.

— Não — repliquei com firmeza —, não é.

E não era. Eu podia admitir — pelo menos, perante mim mesma — que a atração que sentia pelo Cole pulsava com força e era profunda. Mas isso não queria dizer que eu quisesse namorar com o tipo — ou, mais especificamente, que *fosse* namorar com ele, por mais que pudesse querê-lo.

Não que fosse explicar isso à Sloane. Ainda que nos tivéssemos tornado amigas desde que ela chegara à cidade no verão anterior, de maneira alguma eu iria abrir o meu armário para que ela visse todos os esqueletos que tinha guardado lá dentro.

Não precisava de um curso de psicologia para saber que tinha problemas, tal como não precisava de um curso de sexualidade humana para saber que queria as mãos do Cole no meu corpo. Quanto à segunda certeza, havia algo que eu podia fazer. Quanto à primeira, tratava-se simplesmente de algo com que eu tinha de viver.

— Confia em mim, Sloane — disse-lhe, esperando não estar prestes a fazer asneira da grossa. — Sei o que estou a fazer.

Por um segundo, ela não respondeu, mas depois acenou com a cabeça.

— A vida é tua. Atira-te a ele.

Ri-me e fiz sinal a um empregado que passava por nós. Ele parou à minha frente e eu agarrei num copo de Chardonnay.

Ergui um dedo enquanto o bebia, para que ele soubesse que não devia ir-se embora. A seguir troquei o copo vazio por um cheio.

— Coragem líquida — expliquei, mais à Sloane do que ao empregado, embora os lábios deste também se tenham agitado.

Ele inclinou a cabeça, tanto em resposta como em despedida, e depois avançou para o meio da multidão. Vi-o afastar-se, ciente de que a seguir seria a minha vez. Porque o Cole também estava algures no meio daquela gente toda.

Eu e a Sloane entreolhámo-nos e o seu sorriso encorajador deu-me alento.

— Cá vai disto — disse eu, antes de me afastar dela em direção à multidão, determinada em levar aquilo avante.

Demorei um pouco, mas por fim encontrei o Cole rodeado por um grupo de convidados abastados, todos a fitarem, com expressões enlevadas, uma tela que parecia estar em movimento, de tanta cor e vida que tinha. Eu não ouvia o que o Cole dizia, mas via-lhe o ânimo no rosto, a forma como ficava quando falava de arte.

Usava as mãos, o corpo, e com cada palavra e gesto cativava mais o grupo. Raios, cativava-me a mim também, e eu ia-me aproximando mais e mais, até que por fim já lhe ouvia as palavras e limitei-me a ficar ali, a deixar que a sua voz suave me percorresse e me desse coragem.

Passado um momento, terminou o discurso e deixou os convidados a contemplarem o quadro por si sós. Quando o fez, virou-se e viu-me, ao que eu senti o impacto dessa ligação até à ponta dos dedos dos pés.

Tinha havido calor entre nós antes — disso eu já não tinha quaisquer dúvidas. Mas nessa altura o Cole estava controlado. Desta vez, eu tinha-o apanhado desprevenido, e era fácil ver a pulsação de desejo que o percorria ao dar pela minha presença.

Vai. Agora.

Inspirei para me fazer valente. Pois, estava na altura de fazer aquilo.

Por isso dei um passo, e depois outro e outro. Cada um a levar-me na direção do Cole August. Cada um a alimentar o fogo dentro de mim, que bulia por ele — um fogo que tinha a capacidade de me elevar, ou de me reduzir a cinzas.

Só me restava esperar que naquela noite eu conseguisse capturar o homem, sem me destruir com essa tentativa.

Não é o sexo que nos confunde. É o desejo.

Depois de o sexo estar em jogo, toda a gente passa a ter com que regatear. É como um contrato, e cada lado tem de pensar. Talvez o sexo não seja fantástico, talvez seja de perder a cabeça, ou talvez os participantes estejam tão embrenhados nas suas próprias neuroses que isso ensombra tudo o resto. Mas, mesmo nesse caso, existem parâmetros básicos e toda a gente sabe o que é esperado de si.

Esse não é o caso do desejo.

Com o desejo, tudo é unilateral. Não se tem coisa alguma que nos valha, à exceção da percepção. Um sorriso. Um aceno com a cabeça. Um aperto de mão que dura demasiado. Um dedo a ajeitar o cabelo.

Mas todas essas coisas podem ser ocultadas, todas essas coisas podem ser fingidas.

Quando se cresce no meio da vigarice, aprende-se a fingir muita coisa e aprende-se a interpretar as pessoas.

Pelo menos, é o que se julga.

Eu julgava que sabia interpretar o Cole. Pensava que tinha visto os sinais subtis que validavam o meu próprio desejo. As pequenas pistas e movimentos, os olhares casuais e os toques informais.

Achava que os tinha visto... mas não podia ter a certeza. E, para obter uma resposta, precisava de me pôr em risco.

É por isso que o desejo é tramado.

Nesse momento, havia como que uma mão de ferro no meu ombro a empurrar-me por entre a multidão na direção do objeto do meu desejo. Ele tinha sido chamado à parte por uma septuagenária elegante que parecia estar a interrogá-lo e ao artista acerca das distinções subtis entre as duas obras em exposição.

Eu tinha três coisas a funcionar a meu favor, e agarrava-me a elas como uma criança à mantinha preferida. Em primeiro lugar, a minha educação permitia-me ser um camaleão, tanto mutável como adaptável. Também me dava uma carapaça dura e a capacidade de me fingir confiante. Alguns miúdos agradecem aos pais que os obrigam a participar nos jogos de beisebol da Little League, para ganharem carácter. Eu agradecia ao meu pai por me ter ensinado a pôr em prática golpadas de curta e longa duração.

Em segundo lugar, tinha visto desejo nos olhos do Cole pelo menos duas vezes durante aquela gala. Talvez estivesse a projetar o meu próprio desejo, mas não me parecia. E, se ele me queria, o meu objetivo tornava-se muito mais fácil de atingir.

Por fim, tinha emborcado dois copos de vinho no intervalo de cinco minutos, e sou um peso-pluma no que diz respeito ao álcool. Isso queria dizer que eu estava a pairar numa nuvem de coragem líquida, tal como dissera ao empregado. E, a meu ver, isso era uma bela coisa.

— Podemos analisar — dizia o Cole quando me aproximei — ou sentir.

Os dois quadros de que ele estava a falar eram enormes, duas telas cada uma com dois metros e meio de altura e um metro e vinte de largura. Estavam lado a lado, com cores garridas que pareciam saltar da tela. O artista da Zona Sul, que parecia ter 20 e poucos anos e dava pelo nome de Tiki, acenava vigorosamente com a cabeça, no seu posto ao lado do Cole.

— Isso é o que eu tenho ‘tado a dizer. — Bateu com a base da palma da mão no peito. — A gente tem de ir por aquilo que sente

aqui. Dá para desfazer a cena e comparar com amostras de cores e chamar o decorador caro, mas isso não é o que vai dizer à gente o que sente quando entra na sala e vê aquele quadro pendurado na parede.

A senhora fungou.

— Pode muito bem ter razão, jovem, mas o meu marido acaba de pagar uma fortuna ao nosso *designer* para redecorar a sala, e eu garanto-lhe que, se aquilo que eu comprar destoar da decoração, não vai ser a sua arte que eu vou sentir.

O Tiki riu-se.

— Apanhou-me, Amelia.

Fiquei à espera de que o censurasse pela sua impertinência, mas ela limitou-se a rir-se também.

— O que achas, Kat? — perguntou-me o Cole.

Olhei para ele, surpreendida por estar a chamar-me para a discussão. Mais do que isso, fiquei com a distinta impressão de que ele tinha estado a observar-me enquanto eu olhava para o Tiki e a Amelia.

— Acho que a decoração que custou uma fortuna não vale nem um tostão se a senhora não fizer com que essa sala seja sua. — Aproximei-me dos quadros, entrando em modo automático. *Aquilo* eu sabia fazer. — Se a senhora tivesse uma divisão completamente vazia, qual destes é que escolheria?

Fui olhando para cada um deles enquanto a Amelia ponderava.

— É uma escolha difícil, eu sei — continuei. — São similares, mas, ao mesmo tempo, cada um vale por si. São evocativos — acrescentei. — Com as explosões de cor. A subtilidade das áreas apagadas. — Olhei de relance para ela, vi que estava a assentir ligeiramente com a cabeça, pelo que comecei a enredá-la. — Não sei se lhe acontece o mesmo — disse-lhe, pois já estávamos só nós as duas a conversar —, mas eu olho para estes quadros e sinto-me logo mais animada. — Passei uma breve revista à sua aparência. Às linhas clássicas do seu vestido. Ao cabelo cuidadosamente arranjado.

Estava a pensar comprar arte contemporânea, sim, mas tratava-se de uma mulher elegante com raízes que provavelmente tinham gerações. Essa análise indicou-me como deveria prosseguir. — Fazem-me sentir como... — Interrompi-me, como se estivesse a pensar. — É como estar a ouvir uma sinfonia — disse por fim. — Quando a música parece que nos faz voar e nos leva.

— Sim — murmurou ela, a assentir com a cabeça. — Oh, sim.

— O que me parece particularmente cativante é a forma como estas duas obras se encaixam. Está a ver? As cores de uma complementam as da outra. O vermelho aqui destaca o roxo desta. — Indiquei um e outro quadro. — Elas funcionam em conjunto... tanto que, na verdade, eu até tenho medo de que separá-los seja um pouco como tentar tirar os violinos de uma execução da *Quinta Sinfonia* de Beethoven.

Olhei de relance para o Cole e vi que tinha os olhos apenas ligeiramente semicerrados. Mas não consegui perceber se estava impressionado com os meus esforços ou preocupado com a possibilidade de poder arruinar-lhe uma venda.

Já o Tiki era mais fácil de decifrar. O seu sorriso de orelha a orelha sugeria que sabia exatamente qual seria o meu passo seguinte.

Ignorei ambos. Naquele momento, não precisava de me sentir ansiosa quanto ao meu desempenho, já me bastava o turbilhão emocional em que estava.

— Qual escolheria? — perguntou-me a Amelia.

— Sinceramente? — Inclinei-me para ela, com um ar cúmplice. — Faria batota.

Os olhos dela arregalaram-se, como se eu tivesse acabado de dizer a coisa mais escandalosa de sempre.

— Se eu tivesse uma sala vazia para encher, não sairia daqui só com um. Faria questão de comprar os dois.

Ela virou a atenção de novo para os quadros. Eu via-lhe a centelha de interesse e depois dei pela forma como o seu cenho se franziu, com um V profundo sobre o nariz.

— Mas isto é tudo hipotético. Eu não tenho carta-branca.

— Na verdade — disse-lhe eu —, até tem. Qual é o esquema de cores dessa sala?

— Tons naturais com realces cor de pêssego.

— Estas cores — disse-lhe eu, indicando uma porção da tela à esquerda.

Olhei para o Tiki, à procura de confirmação e ajuda. Ele acenou com a cabeça, mas não se juntou com entusiasmo, como eu esperava. Já o Cole apanhou logo a onda.

— Ela tem razão, sabe? — disse ele à Amelia. — Sozinho, o outro quadro talvez não funcionasse com esse esquema cromático. Mas está a ver aqui? — Apontou ora para um quadro, ora para o outro, com movimentos que destacavam as cores e os padrões. — Estes castanhos e verdes são um complemento perfeito destes tons de pêssego e rosa.

— Pois é, meu, têm razão — disse o Tiki. — Estas telas são tipo uma equipa. Tipo pão com manteiga, ‘tão a ver’?

Eu observava a Amelia e via o sorriso lento a espalhar-se pelo seu rosto. Era um sorriso que reconhecia dos dias e noites que tinha passado na Florida, a impingir quadros com o meu pai. Era um sorriso que dizia que uma mulher com demasiado dinheiro acabava de arranjar uma justificação para o gastar.

Por outras palavras, o meu trabalho ali estava feito.

Encostei a mão ao de leve no seu braço.

— Desculpem, não tinha intenção de me alongar tanto. Seja como for, deixa-a para que converse aqui com o Tiki. Tenho mesmo de ir falar com outras pessoas.

— Bem, acho que não precisamos de debater mais a questão — ouvi-a dizer enquanto me misturava na multidão. — Só precisamos daquela jovem tão simpática que tem o terminal portátil para cartões bancários.

— Mas que grande representação — comentou o Cole, uns minutos depois.

Segurou-me o braço e desviou-me para um dos lados. Fui de bom grado, com todo o corpo a vibrar apenas por sentir o aperto firme dos seus dedos no meu cotovelo nu.

Ele caminhava ligeiramente atrás de mim, pelo que não lhe via a cara.

— Boa representação? — perguntei. — Ou má?

— No que me diz respeito, mereces uma ovação de pé.

— A sério? — perguntei, ridiculamente agradada por tê-lo impressionado.

Ele soltou-me e avançou para me encarar. Senti a falta do seu toque, mas a troca valia a pena. Não sou do género de rapariga que suspire em frente a calendários de bombeiros jeitosos e só vi o filme *Magic Mike* uma vez. Mas, se os olhos também comiam, então o Cole era uma barra de *Milky Way* que falava e andava e era, no mínimo, igualmente tentador.

— A sério — confirmou ele. Um sorriso rasgado surgiu-lhe no rosto, e ele abanou a cabeça lentamente, com um prazer óbvio. — Não sabia que trabalhar num bar requeria tamanhas capacidades de persuasão.

— Sou uma mulher de muitos talentos — disse-lhe, e de seguida pestanejei.

— Podes crer que és.

Ele inspirou enquanto olhava para mim e, por mais que me esforçasse, não obtive a menor pista que me indicasse o que ele estaria a pensar.

— Acabaste de nos fazer ganhar uma bela comissão — acabou por dizer. — Tenho a sensação de que vais receber cartões de Natal do Tiki para o resto da vida.

— Terei todo o gosto. Então, e de ti? — perguntei com uma ousadia que atribuí ao vinho. Fitei-lhe os olhos e esperei fervorosamente que os meus fossem uma janela da alma, pois naquele momento queria que ele visse mesmo o que ia dentro de mim. — O que vou receber de ti?

— Isso depende do que queiras.

— Do que eu queira — repeti. No que dizia respeito ao Cole, o que era que eu não queria?

— Há bocado disse-te que me devias um favor — disse ele.

— Queres que fiquemos quites?

— Tu queres?

Ele manteve-se em silêncio por um momento que se prolongou.

— Não — disse por fim.

Ergui o queixo.

— Bom.

A sua expressão permanecia absolutamente estoica, mas ele levantou a mão na direção da minha cara, antes de a deixar cair como se fosse uma criança a impedir-se de fazer uma marotice.

— Não te preocupes — disse-lhe, com a voz quase reduzida a um sussurro. — Não me parto.

— Não tenhas tanta certeza disso, loirinha. Sou conhecido por destruir até as coisas mais resistentes.

— Eu não sou uma coisa. E tu não vais destruir-me. — Hesitei apenas por um segundo antes de dar um passo para me aproximar mais dele. A diferença foi apenas de centímetros, mas de súbito o ar parecia mais denso, como se os meus pulmões tivessem de se esforçar mais para obterem oxigénio. — Não te preocupes — disse-lhe de novo.

À nossa volta, a festa continuava, mas eu não tenho a certeza de que qualquer um de nós desse por isso. Pelo contrário, era como se tivéssemos entrado num vórtice e, pelo menos no nosso pequeno canto de tempo e espaço, nada mais importasse ou sequer existisse.

Sustive a respiração, tão desejosa do seu toque que até lhe sentia o sabor. E, quando ele finalmente passou a lateral do polegar pelo meu malar, só a custo me impedi de gemer em voz alta.

Demasiado depressa, ele afastou a mão, deixando-me desamparada.

Demasiado depressa, ele deu um passo atrás, obrigando o mundo à nossa volta ganhar vida de novo.

— Só tinha de ver se tinha razão — disse ele.

— Acerca...

— Da tua pele. É como tocar numa promessa.

— É? — murmurei.

— Macia — disse ele. — E um pouco misteriosa. São camadas e camadas à espera de serem descobertas.

Fiquei com a respiração presa no peito.

— Não sabia que pensavas isso — retorqui. — Não sabia que pensavas em mim de todo.

Ficou calado durante tanto tempo que comecei a recear que não fosse responder. Quando falou, as suas palavras atravessaram-me, aguçadas e doces.

— Penso em ti mais do que devia.

De repente, a galeria tinha ficado muito quente. Pequenas gotas de suor acumulavam-se junto ao meu cabelo na nuca. Precisava de ar, porque parecia que todo o oxigénio tinha sido sugado daquela divisão.

Como por milagre, sem saber como, formei palavras:

— Em que estás a pensar agora?

Vi a resposta por que ansiava nas linhas do seu rosto e no controlo rígido do seu corpo. Senti-a na forma como o ar entre nós crepitava e cintilava. Até a cheirava, aquele odor quente e almiscarado do desejo.

A realidade da sua resposta rodeava-me e seduzia-me, mas, quando ele falou, as suas palavras rejeitavam-me. Rejeitavam-nos a ambos.

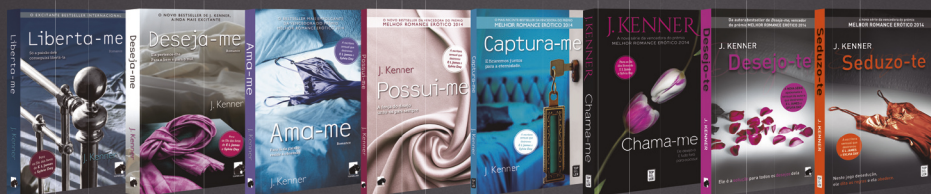
— Estou a pensar que não — respondeu ele, destruindo-me com nada mais do que aquelas simples cinco palavras. — E estou a pensar que preciso de voltar a dar atenção aos meus convidados.

Não sabia o que era o risco até o ter conhecido. Não entendia o que era a paixão até ter sentido o seu toque. Devia ter-me mantido à distância, mas como, se ele era tudo aquilo que eu desejava? Se eu sabia que só ele poderia concretizar as minhas fantasias mais obscuras? Eu queria-o, tão simples quanto isso.

Kat Laron esconde segredos de um passado conturbado, tendo adotado uma falsa identidade e entrado num jogo de mentiras em que a regra principal é não atrair atenções. Cole August, dono de uma galeria de arte na zona de Chicago, é um homem influente e desejado por muitas mulheres, por quem Kat se sente tremendamente atraída.

Mas existe alguma coisa por definir no comportamento de Cole, algo que revela que também ele esconde segredos — uma verdade sombria que o marcou profundamente. Kat, contudo, não consegue abandonar aquele perigoso jogo de sedução, arriscando quebrar as próprias regras para satisfazer as suas fantasias mais obscuras...

Leia os outros sensuais títulos da autora:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8839-79-4



9 789898 839794

Romance Erótico